



Interdisciplinary

LINKSCIENCEPLACE

DOI: 10.17115

ISSN: 2358-8411

Scientific Journal



Interdisciplinary Scientific Journal. ISSN: 2358-8411

Nº 3, volume 4, article nº 15, April/June 2017

D.O.I: <http://dx.doi.org/10.17115/2358-8411/v4n3a15>

Accepted: 08/05/2017 Published: 30/09/2017

BRAZILIAN BEAUTY INDUSTRY AND POLICY EXPORTS

INDÚSTRIA BÉLICA BRASILEIRA E SUAS POLÊMICAS EXPORTAÇÕES

Edmar Abdallah Marques Filho¹

Graduando em Direito

Wender Gonçalves da Silva²

Graduando em Direito

Neuza Maria de Siqueira Nunes³

Mestrado em Economia Empresarial

Abstract: The present work has as objective to approach the sector of war industries of Brazil and the export of the products, as well as to mention some of the main industries producing arms. The Brazilian military industries have become one of the main branches of national exports over the last fifteen years, although it is a little known sector. The country is one of the largest manufacturers of light weapons and owns one of the largest manufacturers of ammunition for handguns on the planet, exporting its goods including to countries recognized as military powers, such as the United States. The great controversy involved in international trade is related to the real destination and the quantity of arms exported. Suspicions are that Made in Brazil weapons are supplying armed conflicts in countries that violate human rights.

Keywords: industry; weapons, exports.

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo abordar o setor de indústrias bélicas do Brasil e a exportação dos produtos, como também, citar algumas das principais indústrias produtoras de armamentos. As indústrias bélicas brasileiras vêm se tornando ao longo dos últimos quinze anos um dos principais ramos das exportações nacionais, embora seja um setor pouco conhecido. O país é um dos maiores fabricantes de armas leves e possui uma das maiores fabricantes de munições para armas portáteis do planeta, exportando suas mercadorias inclusive para países reconhecidos por serem potências militares, como os

¹ Graduando em Direito - Faculdade Metropolitana São Carlos (FAMESC) – Bom Jesus do Itabapoana, RJ. E.mail: abdalla_vp@hotmail.com

² Graduando em Direito - Faculdade Metropolitana São Carlos (FAMESC) – Bom Jesus do Itabapoana, RJ. E.mail: wenderbjn@gmail.com

³ Mestrado em Economia Empresarial, Professora da Faculdade Metropolitana São Carlos (FAMESC) – Bom Jesus do Itabapoana, RJ. E.mail: neuzamsnunes@gmail.com

EUA. A grande polêmica envolvida no comércio internacional está relacionada com o real destino e com a quantidade exportada de armas. As suspeitas são de que as armas *Made in Brazil* estejam abastecendo conflitos armados em países violadores dos Direitos Humanos.

Palavras-chave: indústria; armas, exportações.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos cinco anos, as indústrias bélicas brasileiras conseguiram ocupar um lugar de destaque ficando com a 4ª posição no *ranking* mundial de exportações de armamentos leves de fogo ou de pequeno porte. Atrás apenas de grandes potências como EUA, Itália e Alemanha, e ficando na frente de países reconhecidos por potências militares como, Rússia e China.

Porém, apesar da divulgação de alguns dados referentes as exportações brasileiras nesse ramo, o Brasil é um dos países menos transparente do mundo em relação a divulgação sobre o destino das armas, isto é, para quem são vendidas. O maior comprador de armas fabricadas no Brasil é o Estados Unidos, seguido pela Arábia Saudita. Os EUA tem a maior indústria bélica do planeta e também é o maior exportador de armas.

Um dos ramos da indústria brasileira que a crise financeira vivida pelo Brasil nos últimos anos não afetou foi o das indústrias bélicas. De acordo com Gimemes e Tondo (2014), apesar do Estatuto do Desarmamento restringir a venda de armas de fogo e munições para a sociedade brasileira, a maior parte da produção é exportada para diversos países. Países que são referência no mundo como potência militar, como por exemplo, os EUA e também, países envolvidos em conflitos armados e em guerras internas. Muito é questionado a respeito do destino das exportações brasileiras de armas. Segundo Ciscatti (2016), a falta de transparência e de dados mais completos e detalhados referentes as transações comerciais sugerem que as indústrias nacionais podem estar armando países violadores de Direitos Humanos. Apesar de ser um tipo de comércio exterior que movimenta centenas de milhões de dólares todos os anos, é muito pouco conhecido pela sociedade brasileira. As indústrias nacionais envolvidas no setor de fabricação de armamento e material bélico são reconhecidas internacionalmente e são referência por seus produtos exportados.

Quase toda a produção do setor é exportada para diversos países do mundo, pouco fica no Brasil. Algumas das empresas nacionais do segmento é a Embraer que produz aviões civis e militares, a Helibras que além dos modelos civis faz helicópteros de uso militar, a Iveco que é conhecida por seus caminhões que rodam nas rodovias do nosso país e que também produz veículos blindados de transporte e combate para o exército e, a Amadeo Rossi que faz armas de fogo voltadas para tiro e caça esportivo. Para Guerra (2014), essas são algumas das grandes empresas brasileiras de um setor pouco divulgado, contudo, não são as mais famosas no campo do comércio internacional.

2. PRINCIPAIS EMPRESAS DO SETOR BÉLICO DO BRASIL

Para entender melhor o setor de armamentos segue algumas das principais indústrias bélicas do Brasil. Inicia-se pela empresa gaúcha Forjas Taurus com sede localizada no município de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. É uma empresa tradicional no mercado brasileiro e também muito popular em outros países, como por exemplo, nos EUA. Ela é uma das maiores fabricantes de armas leves do mundo, e a maior da América Latina. Seus principais produtos são pistolas, revólveres e submetralhadoras. De acordo com os dados da própria empresa Taurus (2017), suas mercadorias são exportadas para aproximadamente 80 países com a seguinte logomarca:



Figura 1: Logomarca da Empresa Forjas Taurus.
Fonte: Taurus (2017)

No ano de 2014, a Companhia Brasileira de Cartuchos (CBC) ingressou no capital social da Taurus passando a figurar como acionista controlador e com a seguinte logomarca:



Figura 2: Logomarca da Companhia Brasileira de Cartuchos
Fonte: CBC (2017)

A CBC é uma grande empresa brasileira com 90 anos de existência. Praticamente, detém o monopólio na fabricação de munições no Brasil e também é uma das principais fabricantes de munições do mundo. A empresa é fabricante de munições de diversos calibres, sendo de uso civil, policial ou militar. A CBC (2017), com dados disponíveis em seu site, também fabrica armas de pressão de calibres 4.5mm e 5.5mm, produzindo também armas para caça esportiva e coletes balísticos. Além das estruturas físicas que possui no Brasil adquiriu duas empresas no continente europeu. Em 2007 comprou a empresa Alemã *MEN (Metallwerk Eisenhutte Nassau)* e no ano de 2009 adquiriu a *Sellier & Bellot*, empresa localizada na República Tcheca e referência mundial na fabricação de munição. A munição de calibre 7.62 da CBC é exportada para os EUA sendo que lá é utilizada pelas tropas militares americanas. (CBC, 2017, s. p.)

Outra, que atua no segmento de armamento é a Indústria de Material Bélico do Brasil (IMBEL), uma empresa estatal vinculada ao Ministério da Defesa por intermédio do Comando do Exército possuindo cinco unidades localizadas nas cidades do Rio de Janeiro (RJ), Magé (RJ), Juiz de Fora (MG), Itajubá (MG), Piquete (SP) e com sede no Quartel General (QG) do Exército em Brasília (DF). A IMBEL foi criada em 14 de julho 1975, pela Lei 6.277/75, como uma empresa pública dependente, com personalidade jurídica de direito privado. A partir das informações da IMBEL (2017) sua produção é de armas portáteis, explosivos e equipamentos de comunicação para o Exército. Os dados do Ministério da Transparência,

Fiscalização e Controladoria-Geral da União (2016) mostraram que os gastos pelo Governo Federal foi de R\$ 222.040.279,84 para manutenção e despesas totais das unidades da IMBEL no decorrer de todo ano 2016. A seguir a logomarca da IMBEL.

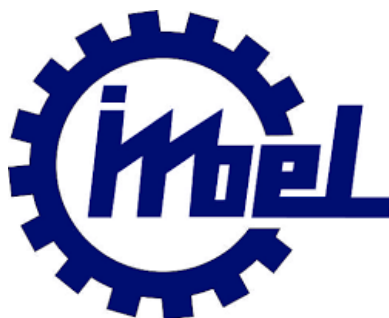


Figura 3: Logomarca da Indústria de Material Bélico do Brasil

Fonte: IMBEL (2017)

Dentre outras, existe a empresa exportadora do setor bélico brasileiro, a AVIBRAS, que produz blindados militares, artilharia antiaéreas, explosivos, aeronaves não tripuladas, foguetes e mísseis. A empresa foi fundada no ano de 1961 por um grupo de engenheiros formados no ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica), com sede localizada na cidade de São José dos Campos (SP). É uma empresa privada de engenharia que exporta a maior parte do que produz com a seguinte logomarca:



Figura 4: Logomarca da Empresa AVIBRAS

Fonte: AVIBRAS (2017)

As empresas citadas representam algumas das principais indústrias fabricantes de armas e material bélico do Brasil. O grande problema apontado no setor por diversas ONGs espalhadas pelo mundo, como a ONG Brasileira “Sou da Paz” e a Sueca “*Small Arms Survey*”, é a questão ética envolvida e a falta de transparência nos dados apresentados referentes as exportações. A dúvida é sobre a posição do Brasil, pois, o país é membro do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) e poderia estar jogando pelos “dois lados”.

Muggah (2015) argumentou que o Brasil pode estar buscando vantagens nos países em situações de conflitos armados, inclusive, intervindo em questões internas com a força militar em países como o Haiti e, ao mesmo tempo vendendo armas para rebeldes ou traficantes de armas. O fato foi considerado por já ter sido encontradas armas de fabricação brasileira em conflitos armados no Oriente Médio e em países do continente africano.

De acordo com **Lima e Yonaha** (2011), nos protestos, contra a monarquia feitos pelos ativistas do Bahrein, foram divulgadas imagens mostrando bombas de gás lacrimogêneo “*Made in Brazil*” que teriam sido usadas na repressão aos manifestantes como a da figura 5 abaixo:



Figura 5: Bomba de Gás Lacrimogêneo (armamento não letal) de fabricação brasileira encontrada em Bahrein.
Fonte: **Lima e Yonaha** (2011)

No produto aparece o logo do fabricante que aparenta ser da Condor Tecnologias Não-Letais. A empresa está localizada em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro, e como diz o nome, é especializada na fabricação de equipamentos para conflitos urbanos que, se usados corretamente, não provocam morte. A empresa alega que as armas que produz tem como *objetivo minimizar danos e preservar vidas*.

As empresas citadas anteriormente fazem parte das principais indústrias bélicas do Brasil com importante contribuição na pauta das exportações.

3. AS EXPORTAÇÕES DO SETOR BÉLICO

A Arábia Saudita tem sido um país com significativa importação de material bélico brasileiro. Segundo o Guia de Comércio Exterior Brasil (2016), entre o ano de 2010 ao ano de 2015, aumentou muito as vendas de armamentos para a Arábia

Saudita chegando a U\$\$ 110 milhões no ano de 2015. Os sauditas com isso, tornaram-se o 2º maior comprador de armas brasileiras perdendo apenas para os EUA. Entre os meses de janeiro a outubro de 2015 a Arábia Saudita comprou U\$\$ 109,6 milhões de armamentos e material bélico brasileiro correspondendo a 4,5% do total das exportações do Brasil para os sauditas. No ano de 2016, no período de janeiro a novembro, o Brasil exportou aproximadamente U\$\$ 65 milhões de material bélico correspondendo a 2,8% do total das exportações brasileiras para a Arábia Saudita no período. Uma das maiores empresas brasileiras do setor bélico, a AVIBRAS, exportou entre o ano de 2010 ao ano de 2015 mais de U\$\$ 115 milhões para os sauditas.

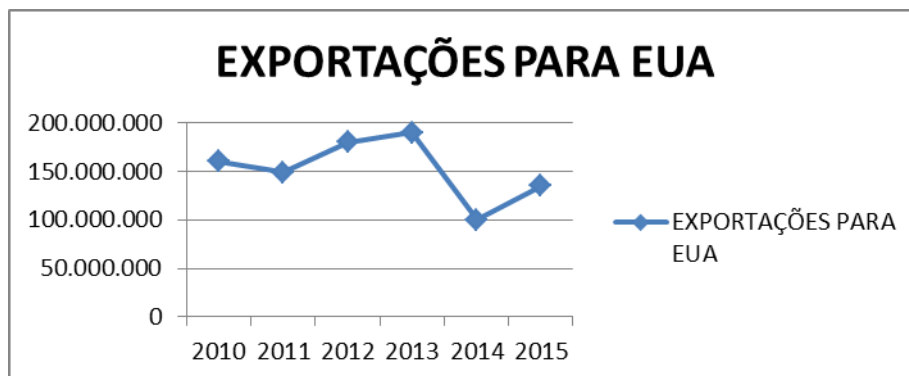
Gráfico 1: Exportações da AVIBRAS em milhões de U\$\$ para a Arábia Saudita.



Fonte: Guia do Comércio Exterior (2016)

Mas, o maior importador da indústria bélica brasileira são os Estados Unidos. Os principais armamentos importados pelos americanos são armas de fogo leve como, pistolas e revólveres. As armas são comprados em sua grande maioria por cidadãos comuns, ou seja, são armas brasileiras nas mãos da população americana. O gráfico 2 a seguir, de acordo com Ciscatti (2016), mostra a evolução das exportações de armas brasileiras em valores aproximados para os Estados Unidos no período de 2010 a 2015.

Gráfico 2: Exportações do Brasil para os EUA em milhões de U\$\$.

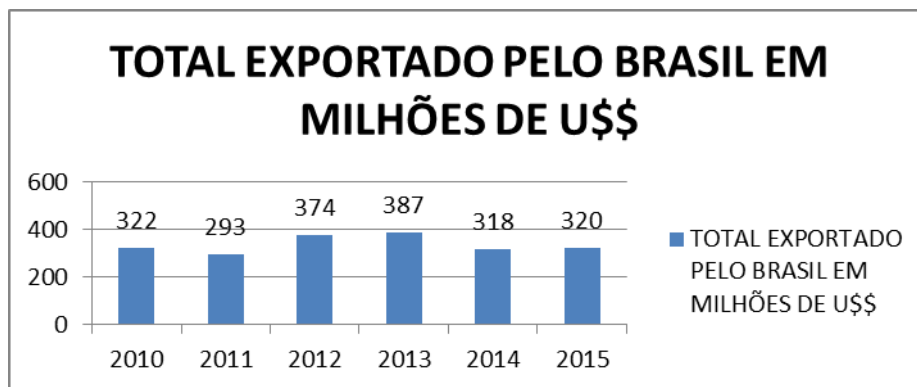


Fonte: Small Arms Survey (2016)

Os dados revelaram que as exportações do Brasil para os EUA em milhões de U\$\$ alcançou os maiores valores monetários no ano de 2013, com decréscimo em 2014 e com retomada de crescimento em 2015.

Os valores das exportações totais nos cinco anos, de 2010 a 2015 representados no gráfico 3, demonstraram que a indústria bélica teve uma expressiva contribuição no comércio exterior brasileiro.

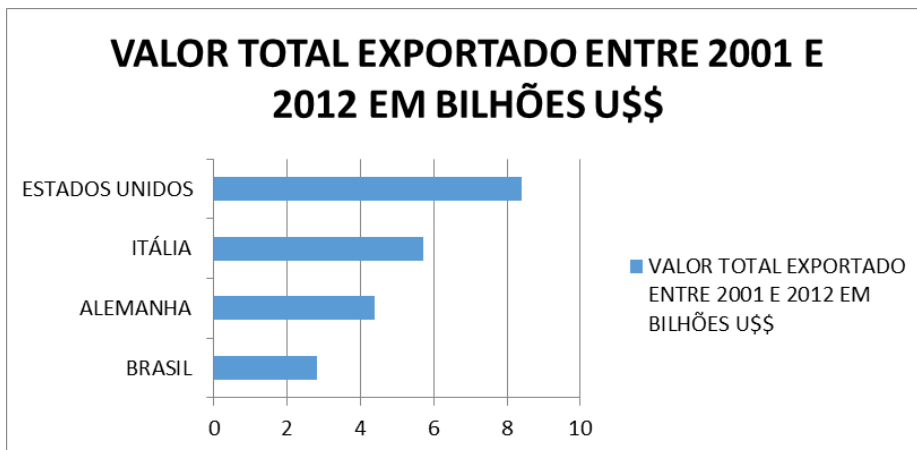
Gráfico 3: Total exportado em milhões de U\$\$ da indústria bélica do Brasil.



Fonte: Ciscatti (2016)

Ainda de acordo com Ciscatti (2016), no período de 2001 a 2012, o valor acumulado das exportações brasileiras no setor bélico somou aproximadamente 2,8 bilhões de dólares, fazendo com que o Brasil ficasse em 4º lugar no *ranking* mundial de exportadores do setor, superando países reconhecidos mundialmente por potências militares como Rússia e China, conforme o gráfico 4 abaixo:

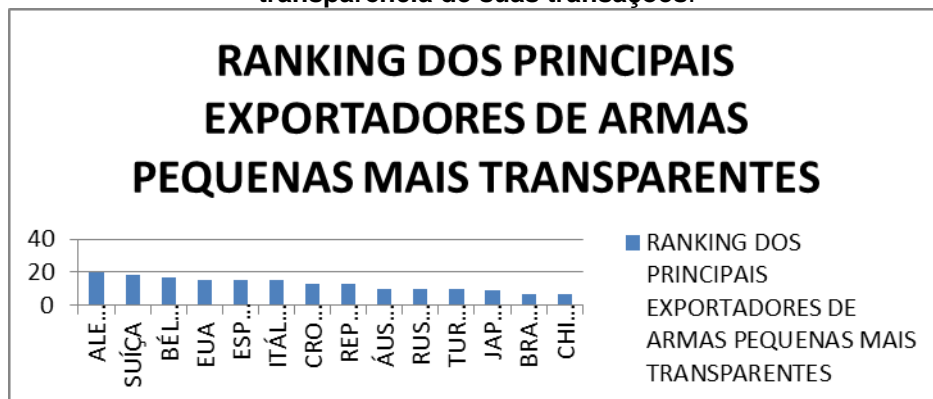
Gráfico 4: Valor total exportado no período entre 2001 a 2012.



Fonte: Ciscatti (2016)

Um dos problemas das exportações brasileiras do setor das indústrias bélicas estão relacionados ao não fornecimento das informações detalhadas dos compradores em relação as mercadorias e ao destino delas. Segundo a ONG, *Small Arms Survey* (2016), o Brasil é um dos países menos transparente do mundo na divulgação de detalhes das exportações do setor. Para tanto, foi criada uma escala de pontuação pela ONG para qualificar os países mais e menos transparentes no comércio exterior de armas, onde a nota máxima é 25. Nessa avaliação entraram apenas as armas de pequeno porte, suas partes e acessórios e, munições exportadas no período de 1 ano. A partir de 2001 o valor ultrapassou 10 milhões de dólares. A seguir, no gráfico 5, a representação do *ranking* dos principais exportadores de armas pequenas pela qualificação de transparência de suas transações.

Gráfico 5: Ranking dos principais exportadores de armas pequenas pela qualificação de transparência de suas transações.



Fonte: Small Arms Survey (2016)

Observa-se, conforme o gráfico 5, que o Brasil estava colocado no *ranking* como um dos países com menos transparência nas exportações de armas pequenas. Isso faz com que sejam levantados diversos questionamentos sobre esse tipo de comércio. Por que a divulgação não é detalhada? Para quem o Brasil está vendendo? E, onde as armas estão sendo usadas? Todas as dúvidas preocupam os membros da ONG *Small Arms Survey*, pois, sem detalhamento não tem como ser fiscalizado o comércio ilegal e pode ser esse o real motivo de tanto sigilo nessas transações, de acordo com a ONG *Small Arms Survey* (2016).

4. A POLÊMICA ENVOLVENDO BOMBAS CLUSTERS

Outro fator relevante citado por Ciscatti (2016) é que existe a suspeita de que as indústrias brasileiras têm exportado bombas clusters. De acordo com a Anistia Internacional (2015), o efeito devastador desse tipo de bomba serviu para que fosse feita a convenção sobre munições clusters e com isso, mais de 100 países assinaram um acordo banindo esse tipo de bomba de seus arsenais. Para Muggah (2015), a convenção passou a vigorar a partir de 1º de Agosto de 2010, contudo, o Brasil foi um dos países que não aderiu ao acordo que proíbe armas de fragmentação.

Bomba cluster é um tipo que pode ser lançada por solo e por ar, de avião. Trata-se de uma ogiva maior que abre quando acionada, liberando dezenas ou até centenas de explosivos que variam de tamanho de um sachê de chá até o peso de uma granada, e com isso, espalham-se e causam destruição por onde caem. O problema das munições clusters na bomba é quando acionadas de um avião elas se espalham no ar e atingem a cobertura de uma área equivalente a quatro campos de futebol devastando tudo na área. Porém, existe um fator ainda pior, uma porcentagem que pode variar de 5 a 40% dessas submunições que são acionadas quando a ogiva se abre e não explodem quando atingem o solo podem transformar-se em minas terrestres cruéis, que acabam por ferir e matar civis inocentes.

Os mais de 100 países que assinaram o acordo banindo esse tipo de bomba de seus arsenais também se comprometeram a limpar as áreas em que podiam estar minadas com as munições em até 10 anos. (Cruz Vermelha, 2010, s.p.) Na convenção, assim como o Brasil, a Arábia Saudita também não aderiu ao acordo e, inclusive foi acusada de usar esse tipo de armamento na guerra civil do Iêmen no ano de 2015. Algumas das bombas lançadas pelos sauditas seriam de fabricação americana e algumas de fabricação brasileira, modelo ASTRO II fabricado pela AVIBRAS, de acordo com a Anistia Internacional, com a ONG *Human Rights Watch* e com a Coalizão Contra Munições Clusters.

A figura 6 representa uma ogiva liberando as munições clusters:

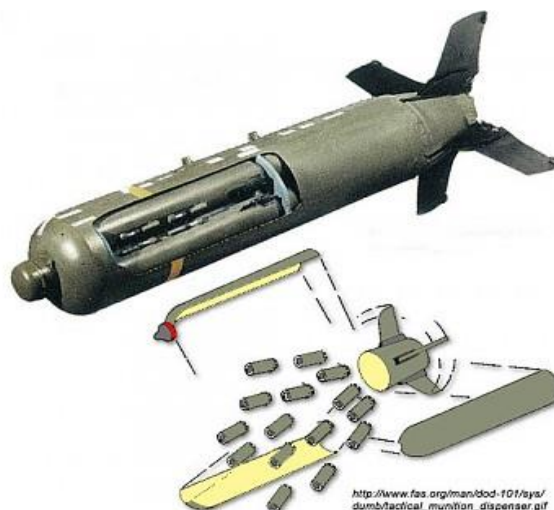


Figura 6: Ogiva liberando as Munições Cluster.

Fonte: Bueno (2016)

O poder de destruição das bombas clusters deve ser levado em conta para que os países assinem ao acordo de proibição da utilização das armas de fragmentação.

5. CONCLUSÃO

É indiscutível que o segmento bélico da indústria brasileira é de grande importância para o país, ainda mais, considerando que vive-se em tempos de crise econômica financeira. As indústrias empregam milhares de trabalhadores no Brasil, geram renda, elevam o nome do país em uma questão essencial de soberania relacionada ao poder e a tecnologia bélica. Portanto, deve-se levar em conta a grandeza do setor bélico e o mercado conquistado em vários países.

Contudo, as autoridades devem fiscalizar e criar mecanismos que obriguem as indústrias a serem mais transparentes com detalhes mais aprofundados de suas vendas no comércio exterior. Não trata-se só de uma questão ética envolvendo países violadores dos Direitos Humanos usando armas *Made in Brazil*, mas sim, para que se evite que armas brasileiras sustentem guerras e sejam responsáveis por mortes de civis inocentes.

REFERÊNCIAS

ANISTIA INTERNACIONAL. **Iêmen: suspeita de uso de munições cluster brasileiras em ataque de coalisão liderada pela Arábia Saudita.** Anistia Internacional, 2015. Disponível em:

<https://anistia.org.br/noticias/iemen-suspeita-de-uso-de-municoes-cluster-brasileiras-em-ataque-de-coalisao-liderada-pela-arabia-saudita/>. Acesso em 28/03/2017.

BRASIL. **Avibras Indústria Aeroespacial S/A.** AVIBRAS, 2017. Disponível em:

<https://www.avibras.com.br/site/institucional/quem-somos.html>. Acesso em 28/03/2017.

_____. **Guia de Comércio Exterior e Investimento.** Ministério das Relações Exteriores, 2016. Disponível em:

<https://investexportbrasil.dpr.gov.br/arquivos/IndicadoresEconomicos/web/pdf/INDArabiaSaudita.pdf>. Acesso em 28/03/2017.

BUENO, Rubens. **Deputado quer banir bomba de fabricação brasileira.** Diário do Poder, 2016. Disponível em

<http://montedo.blogspot.com.br/2016/12/deputado-quer-banir-bomba-de-fabricacao.html>. Acesso em 28/03/2017.

CBC. **Construindo o futuro.** Companhia Brasileira de Cartuchos, 2017. Disponível em: <http://www.cbc.com.br/cbc90anos/>. Acesso em 28/03/2017.

CISCATTI, Rafael. **Em dois anos, Brasil aumenta em 7 vezes venda de armas leves para Arábia Saudita.** Revista Época, 2016. Disponível em:

<http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/01/em-dois-anos-brasil-aumenta-em-7-vezes-venda-de-armas-leves-para-arabia-saudita.html>. Acesso em 28/03/2017.

CRUZ VERMELHA. **A convenção sobre munições clusters: um novo tratado põe fim ao sofrimento causado pelas munições clusters.** Comitê Internacional da Cruz Vermelha, 2010. Disponível em:

<https://www.icrc.org/por/resources/documents/legal-fact-sheet/cluster-munition-legal-factsheet-230710.htm>. Acesso em 28/03/2017.

GIMENES, Aurélio; TONDO, Estephanie. **Com forte participação do governo, indústria bélica nacional se reinventa.** Jornal o Dia, 2014. Disponível em: <http://odia.ig.com.br/noticia/economia/2014-04-05/com-forte-participacao-do-governo-industria-belica-nacional-se-reinventa.html>. Acesso em: 11/04/2017.

GUERRA, Natália. **Fabricantes de armas triplicaram as receitas no Brasil em apenas cinco anos.** R7 Notícias 2012, disponível em: <http://noticias.r7.com/internacional/noticias/fabricantes-de-armas-triplicaram-receita-no-brasil-em-apenas-cinco-anos-20120923.html> Acesso em 28/03/2017.

IMBEL, **Indústria de Material Bélico do Brasil**. Imbel, 2017. Disponível em:
<http://www.imbel.gov.br/index.php/home/quem-somos> Acesso em 28/03/2017.

LIMA, José Antonio; YONAHA, Liuca. **Gás lacrimôgeneo "made in Brazil" é usado na repressão no Bahrein, dizem ativistas**. Revista Época, 16/12/2011. Disponível em:
<http://revistaepoca.globo.com/Mundo/noticia/2011/12/gas-lacrimogeneo-made-brazil-e-usado-na-repressao-no-bahrein-dizem-ativistas.html> Acesso em 11/04/2017.

MUGGAH, Robert. **Armas brasileiras abastecem guerra no Iêmen**. El país, 2015. Disponível em:
http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/13/opinion/1447441086_369498.html Acesso em: 28/03/2017.

SMALL ARMS SURVEY. **The Small Arms Trade Transparency Barometer: Interactive Map**. Barômetro da Transparência, 2016. Disponível em :
<http://www.smallarmssurvey.org/transparency-barometer.html>. Acesso em: 28/03/2017.

TAURUS. **Taurus Armas**. Taurus, 2017. Disponível em:
http://www.taurusarmas.com.br/pt/institucional_ Acesso em 28/03/2017.